

42º ENCONTRO NACIONAL DE PASTORAL LITÚRGICA

2016.07.26

Sir 44,1.10-15; Mt 13, 16-17

1 – Vivemos em pleno Ano Jubilar da Misericórdia de Deus. É, antes de mais, um convite a meditar, refletir no infinito amor de Deus. Tentar sob a luz do Espírito, penetrar âmagos do seu mistério.

É o objetivo deste Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica. E, nesta memória que fazemos de São Joaquim e Santa Ana, é a chave de leitura da Palavra que acabamos de ouvir.

2 – Os textos lidos, do Eclesiástico e de Mateus colocam diante de nós três grupos de crentes que dão forma a uma corrente, a uma tradição que, desde o princípio, vem marcando a relação de Deus com a humanidade,

Um primeiro grupo de anciãos, homens ilustres, ouvintes da Palavra, fiéis à aliança que vivem na memória de seus filhos e netos, ou que continuam nos seus filhos e nos seus netos, que permanecem na memória dos que os continuam; um outro grupo de “profetas e justos” que teriam gostado de ver e ouvir o que veem e ouvem os discípulos de Jesus e não viram nem ouviram. E depois este terceiro grupo dos discípulos de Jesus. É uma recordação que lança para o futuro.

Crentes, estamos nesta continuidade, nesta tradição. Nesta história. História de Salvação. São Joaquim e Santa Ana de que hoje fazemos memória, também eles, à sua maneira, dão corpo e forma a esta nossa incorporação, também eles são elos desta corrente.

São dos nossos antepassados na fé e na fidelidade a Deus que nos conduz.

3 - Trata-se de uma bela história de amor entre Deus e a humanidade que começa a sentir-se, a ver-se, que começa a revelar-se, naquele longínquo fim de tarde, em que Deus, como de costume, descendo do seu trono celeste, vem até à terra conversar com o homem, a obra-prima do seu amor, e não o encontra. O homem não está onde devia. Perturbado, aflito, o Senhor chama, o Senhor pergunta: “Onde estás?”. Teme pela sorte do homem que lhe foge. Que se esconde. Ao caminho de vida que lhe propusera, caminho de obediência e comunhão consigo, iludido, o homem envereda por caminhos de morte, de afastamento e rutura com o seu criador.

4 – O seu amor porém, o amor que presidira à criação é mais forte. E logo ali Deus abre o homem a um futuro de esperança, de reconciliação, na promessa daquela misteriosa “descendência da mulher” que reconduzirá o homem à verdade de si mesmo, de Deus e do universo. Que reconstruirá este mundo de relações perturbado e ferido pela fuga do homem.

5 – Uma história de amor recheada de declarações amorosas, de projectos e propósitos de encontros e visitas. De paixões e de birras.

Por aí se vai revelando um Deus que se diz sentir e viver as mais duras situações por que passa o seu povo. Que se diz ouvir os seus clamores, os seus gritos de desespero. Que se confessa amá-lo com a ternura e o carinho dum amor de mãe. Mais, que declara que, ainda que uma mãe pudesse esquecer o fruto das suas entranhas, ele nunca esqueceria o seu povo, esse povo que criou para si e a quem confiou a missão de testemunhar a todos os povos da terra a eficácia da sua vontade salvífica universal. De testemunhar que Deus ama todos e cada um dos homens.

Um Deus que se diz noivo apaixonado que procura por montes e vales a noiva que lhe foge. Que se diz marido que chora a fuga de sua esposa infiel.

6 – Um Deus que aqui e além confessa a sua vontade e o seu propósito e descer da sua habitação celeste para vir ao encontro dos seus, libertá-los, arranca-los às suas situações de morte. Que promete e vem. Vem, primeiro, pela mediação de profetas e sacerdotes. De sábios e reis. Homens escolhidos que coloca à cabeça dos destinos de seu povo, para o instruir, defender e educar nos e pelos caminhos do seu Senhor. A Lei, o seu grande dom, que lhes fez chegar por Moisés.

7 – Um Deus que, finalmente vem, Ele próprio, na pessoa de seu Filho Encarnado, de seu filho que se faz homem e toma uma natureza humana, no seio dessa Menina, Maria de Nazaré, de cujos Avós fazemos hoje memória.

8 – E aquele amor que naquele fim de tarde se tornou misericórdia, se tornou compaixão, se tornou disponibilidade para perdoar, tomou um rosto humano, viu-se, na expressão maior da sua força de salvação. Jesus de Nazaré.

9 – Naquele menino que nasce pobre e escondido num qualquer estábulo. Naquele jovem que a certa altura da sua vida sai de casa, se automarginaliza, vai para a rua, sem eira nem

beira, sem ter onde reclinar a cabeça. Que, na linguagem do nosso santo Padre, “sai de si, das suas coisas” para ir ao encontro dos que estão sós, que a sociedade exclui e esquece, dos doentes e famintos, daqueles que não têm voz. A palavra dos silenciados. Com um discurso tremendamente contundente para a sociedade do tempo, civil e religiosa.

Feliz daqueles que o veem e ouvem. Que naquele jovem e Nazaré, veem, sob a luz do Espírito Santo, o Filho de Deus feito homem. A prometida e esperada nova aliança entre Deus e a humanidade. A reconciliação universal. A redenção da humanidade do tempo e da história.

A expressão maior do amor infinito dum Deus que nele se revela como um Pai apaixonado pelos homens até à morte do filho que entrega.

E à pergunta do início, “onde estás?”, o Homem-Filho responde: “Eis-me aqui para fazer a tua vontade”

Foi o desatar definitivo do nó da desobediência, por aquele que assumindo a nossa natureza se fez obediente até à morte.

No seu mistério de Homem/Deus o homem sacia a sua sede de Deus, e Deus sacia a sua sede do homem. É a paz, A paz do homem e a paz de Deus.

Loucura para uns e escândalo para como dirá Paulo.

10 – É este mistério, é esta plenitude de amor e vida, que sacramentalmente se torna presente na celebração Eucarística, a ação litúrgica por excelência. É o memorial dessa bela história de amor, dessa paixão até à morte. E é também projeção, projeção para o futuro, para a escatologia.

Anunciamos a vossa morte, proclamamos a vossa ressurreição, vinde, Senhor Jesus

11 – É aqui e neste mistério, nesta corrente e história de amor, que também nós somos convidados a entrar, a fazer passar para os nossos vindouros. Nós, os que tivemos a graça e a felicidade de ver e ouvir este Jesus.

“Sede misericordiosos como o Pai”, “amai-vos como eu vos amei”, “parti-vos e reparti-vos em memória de mim”. É o caminho que Jesus nos apresenta que Jesus nos abre, é o convite que nos dirige.

Se prometeu ficar com aqueles a quem concedeu o “vê-lo e ouvi-lo”, que enviou como o Pai O enviara a ele, é na vida destes que se trinará visível, que se há-de poder ver e ouvir, para todas as gerações. A corrente continua.

D. António Taipa

Bispo Auxiliar do Porto e Vogal da Comissão Episcopal da Liturgia e Espiritualidade